

Crise dos 40, dos 50? Começa? Quando?

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

*O caminhante que caminha a noite
Pode cantar alto para espantar seu medo.
Mesmo assim, não estará enxergando
mais do que um palmo diante do nariz.*
Sigmund Freud

*Não podemos impedir que urubus
Voem sobre nossas cabeças,
Mas podemos impedir
Que eles façam ninho nelas.*
Minha avó.

Temos em medicina o que se poderia chamar de crescimento por conversão do volume uterino durante a gestação. Normalmente o crescimento uterino guarda uma relação com o tempo de gravidez, fato que pode ser constatado facilmente num exame periódico de pré-natal com uma fita métrica. No entanto, em alguns casos, o útero aparece menor que o tempo gestacional. Como todos os outros parâmetros de avaliação estão normais, isso não preocupa o médico. De repente, num período de alguns dias o útero faz seu crescimento e aparece a compatibilidade.

Faço essa comparação para falar do que eu chamaria envelhecimento por conversão. Você passa uma ou mais décadas achando que os anos não passam para você, que você não envelheceu, subitamente, num período de um ano o sujeito tem a sensação que envelheceu dez ou mais. Isso pode acontecer, sobretudo, com aquelas pessoas que permanecem muito joviais com o passar dos anos e que geram aqueles comentários: nossa, ela nem parece à idade que tem, ou, fulano está muito bem para a idade, ele está inteirão, parece um garoto, uma coroa enxuta, etc.

Não me refiro aqui, entretanto, ao envelhecimento físico, mas ao envelhecimento moral. Vem-me a mente o romance épico de Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*. Nesse, o jovem e belíssimo Dorian faz um pedido impensado, que o retrato envelhecesse em seu lugar, o que acaba por acontecer.

Poderia sugerir que todos nós formamos um retrato de nós mesmos, uma auto-imagem, e, muitas vezes, esse retrato não envelhece. Desse modo podemos entender a famosa crise dos

quarenta ou dos cinqüenta ou dos (...). Melhor seria a nomenclatura dos saxões: *midí-age crisis* ou, em bom português, crise da meia-idade, de uma meia-idade que o sujeito se depara tendo a sorte, mais cedo ou mais tarde. Essa começa quando se percebe que seu auto-retrato envelheceu, e que mostra sobre sua tela as rugas da lembrança, a pátina de uma cor outrora vivaz, o encanecido de um fervor, o vergado do dorso, o escárnio do tempo, o esgar facial, as cicatrizes do trajeto. Então: como o jovem Dorian somos tomados de terror. Queremos colocar no sótão da memória, nos subúrbios da consciência, sob os escombros da covardia aquilo que a tela denuncia sobre óleo: o envelhecimento. E bem feito para aqueles que não fazem o bem, pois no personagem do grande Oscar Wilde cada ato de vileza, de crueldade, de indiferença ou fria desumanidade, iam subtraindo as marcas da juventude da tela.

Maldita ou bendita crise de meia-idade que como uma espécie de encruzilhada no caminho da vida oferece ao sujeito a oportunidade de manter a direção imutável e eterna ou, como os simples mortais, pequenos homens que são deuses, de mudar rumos, mirar novos horizontes, sentir outros odores, se defrontar com o inédito, o indizível, o inominável. Buscar o conhecimento no não dito, no que não tem ainda nome. E que está ali, bem ali, só esperando que você venha nominar.

A cada um a crise de meia idade que mereça ou, espere no berço da sua eternidade o golpe certo da foice da dama de negro, mesmo antes dele acontecer.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).